

EDITORIAL

CONSCIÊNCIA E LUTA CULTURAL

A luta cultural é fundamental para toda e qualquer organização revolucionária, para todo militante que quer intervir nas lutas de classes. Ela faz parte da luta de classes em geral na sociedade e é um ponto de apoio fundamental para o proletariado e demais classes sociais inferiores. Ela pressupõe formação para não ser contraditória, ambígua, problemática, ou seja, para não surtir efeitos contrários ao que se propõe. O militante e a organização devem, ao contrário das organizações burocráticas, reformistas, pseudorrevolucionárias, buscar a formação e a autoformação (individuais e coletiva).

A Revista Enfrentamento busca trazer contribuições para o processo de formação e autoformação dos militantes revolucionários e em sua longa história que já conta com 18 anos de existência, uniu seus esforços de publicação com outras iniciativas do Movaut (Movimento Autogestionário)¹, no sentido de reforçar esse processo. O atual número da Revista Enfrentamento traz novas colaborações para a formação e desenvolvimento da consciência da militância revolucionária, bem como realiza a luta cultural, pois essas ações são complementares.

O militante revolucionário, para promover a luta cultural e a luta política em geral, precisa desenvolver sua consciência. É preciso desenvolver a consciência sobre a história do movimento revolucionário e das tendências conservadoras e progressistas, das artimanhas do poder, da consciência de classe do proletariado e da própria militância.

O atual número da Revista Enfrentamento traz um conjunto de textos que discutem essas questões. No artigo de Nildo Viana, há uma reflexão sobre o que é o poder, elemento fundamental para pensar a sociedade atual e sua transformação. Nesse breve texto, se discute o que é o poder, suas origens, entre outros aspectos que são fundamentais para se pensar sua abolição. No artigo de Mateus Alexandre

¹ Cursos, palestras, livros, panfletos, vídeos, jornais, boletins, etc.

Alves, há uma reflexão sobre um texto de Engels que foi (e ainda é em certos setores) influente na história do marxismo e do pseudomarxismo. No texto de Alves, os equívocos de Engels e seu afastamento do marxismo autêntico se tornam perceptíveis e isso é fundamental para não se confundir a teoria revolucionária do proletariado, essencialmente crítica da burocracia e da autocracia, com a social-democracia e seus derivados e semelhantes (tal como o bolchevismo, que surgirá posteriormente a partir dela).

Os textos seguintes trazem elementos para se pensar elementos complementares. Karl Jensen realiza uma análise comparativa entre o ativismo e a militância, mostrando os limites do primeiro e as formas e potencialidades da segunda. A militância, desde que não caia no militantismo e seja revolucionária, é parte essencial da luta pela transformação radical e total da sociedade. Carlos Henrique Marques discute uma questão cultural e política, que é o uso do termo “comunismo” contra o projeto comunista original de Marx. O autor demonstra que a designação dos países de capitalismo estatal, geralmente chamado de “socialismo realmente existente”, ou, ainda, de “socialistas” (acrescentando o “real” ou não) ou “comunistas”, era de interesse tanto a burguesia burocrática desses regimes quanto da burguesia privada do ideologicamente denominado “mundo livre” (capitalismo privado). Isso significa, ao mesmo tempo, que é antagônico aos interesses do proletariado. Marcus Gomes, por fim, traz uma interessante reflexão sobre a consciência proletária, demonstrando as deformações que o leninismo e seus derivados e semelhante produziram na discussão de Marx sobre as classes e suas formas de consciência. A partir do resgate memorial da teoria das classes e da autolibertação do proletariado, o autor mostra que essas deformações são ideologias burocráticas que nada têm a ver com o marxismo autêntico e com a luta revolucionária do proletariado.

Em síntese, o presente número da Revista Enfrentamento traz elementos para fazer avançar a consciência, elemento fundamental para a efetivação de uma luta cultural mais eficaz, discutindo questões políticas e culturais. Assim, a reflexão sobre a própria consciência é desenvolvida neste número e colabora com o seu desenvolvimento ainda mais expressivo. O marxismo autogestionário, a forma atual assumida pelo marxismo autêntico, é um processo de desenvolvimento da

autoconsciência da humanidade, sob forma marginalizada e restrita a setores da sociedade capitalista, que insiste em se manifestar e desenvolver e que cada vez mais avança teoricamente e ganha mais espaços sociais. Quando o proletariado e as demais classes inferiores entrarem em cena sob a forma de lutas radicais, essa contribuição será incorporada nas lutas sociais e ganhará novos desenvolvimentos e aprofundamentos. Esse dia, ao que tudo indica, se aproxima, e assim um novo capítulo do desenvolvimento da consciência tende a se efetivar com a fusão da teoria revolucionária com a classe operária, gerando a generalização das bases culturais da revolução proletária.